

FH busca na 'ikebana' fluidos positivos

Brasília – Gilberto Alves

■ **Presidente não dispensa arranjos florais japoneses**

RENATA GIRALDI

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso recusa-se a permitir que os cortes no Orçamento da União atinjam a harmonia de seu gabinete. Na intenção de evitar que os fluidos negativos imperem sobre os positivos, Fernando Henrique se dispôs a tirar do bolso cerca de R\$ 100 por mês para comprar flores e folhas de vários tipos, utilizadas na confecção da chamada *ikebana sanguetsu* (arranjos de origem japonesa que buscam o equilíbrio). Todos os dias, o presidente é cercado por quatro desses arranjos, que seguem o gosto do cliente, discretos e sem perfume.

No ano passado, quando aumentou o rigor na contenção de gastos públicos, os arranjos foram suspensos. Fernando Henrique reagiu: "Onde foi parar a *ikebana* que ficava aqui?", perguntou, apontando para o móvel localizado ao fundo do gabinete, próximo à mesa. Uma das secretárias respondeu que, devido aos cortes, os arranjos tinham sido eliminados. "Não, eles devem ser mantidos. Se é para manter o positivo, como dizem, que fiquem", determinou, afirmando que passaria a pagar pelas flores.

O trabalho de confecção dos arranjos, feito há dois anos, está a cargo de Moema Delmondez de Castro, professora da Academia Ikebana Sanguetsu de Brasília. Às segundas-feiras,

ela passa duas horas no terceiro andar do Palácio do Planalto elaborando as *ikebanas* – *ike* significa dar vida; e *bana* quer dizer flor. Moema revela que escolhe "lírios, flores do campo, antúrios, astromélias, estrelizias, jibóias e harans" – tudo isso atendendo a pedido do próprio presidente.

Preferência – "Ele prefere flores silvestres, coloridas, discretas, com pouco perfume", conta a professora.

"Preparo as flores mentalizando que ele terá harmonia para conduzir o país. Pensaria da mesma forma se fosse outra a pessoa ocupando o posto, porque o trabalho que realiza não tem relação alguma com política", diz Moema.

A idéia de colocar *ikebanas* na Presidência da República vem da gestão de José Sarney (1985-89), mas, na falta de dinheiro, o projeto não foi adiante. Em 1990, época de Fernando Collor, houve outra tentativa de levar os arranjos japoneses para o Palácio do Planalto, mas alguém explicou ao então presidente que as flores estavam associadas a uma seita oriental. Collor não gostou e suspendeu a novidade.

Oito anos depois, já com Fernando Henrique, as flores e folhas dos arranjos passaram a ter

lugar permanente na sala íntima, no gabinete, na sala de estar e até no banheiro do presidente. A produção segue a orientação do mestre japonês Mokiti Okada, que criou o estilo *ikebana sanguetsu*, no qual o objetivo é resgatar a sensibilidade humana por meio da beleza do arranjo.

Admiração – Fernando

Henrique conheceu a arte milenar japonesa por intermédio de sua mulher, Ruth Cardoso, que frequentou aulas de *ikebana* em São Paulo. Apesar de pouco familiarizado com arranjos de flores, o presidente gosta de mantê-los por perto, principalmente quando tem visitas. Em geral, autoridades e diplomatas estran-

geiros se encantam com a beleza dos arranjos, como ocorreu na visita do presidente sul-africano, Nelson Mandela. Na ocasião, as mesas do Palácio da Alvorada (residência oficial) foram enfeitadas com pequenos arranjos, confeccionados com cores diferentes de lírios.

O objetivo da Academia San-

guetsu de Ikebana, criada em 1972, é divulgar a arte a partir de um princípio: uma flor para um mundo melhor. O idealizador do estilo, Mokiti Okada, costumava dizer que "o mal não gosta de flores". Por isso, sugeria que casas, hospitais e penitenciárias fossem enfeitadas com arranjos florais.



Gilberto Alves – 9/11/1998



O presidente prefere as flores silvestres no arranjo que, segundo a crença, produz harmonia e atrai as energias positivas